

O PANDEMÔNIO INFORMACIONAL EM MEIO À PANDEMIA DA COVID-19 E A NECESSIDADE DO JORNALISMO

Marcus Vieira
Mestrando do curso de Pós-graduação em
Comunicação e Territorialidades
Universidade
Federal do Espírito Santo – UFES
E-mail:
marcusovieira@gmail.com

Orientador: Profº Victor Israel Gentili
Universidade Federal do Espírito Santo – UFES
E-mail: vgentilli@gmail.com

RESUMO

O artigo apresenta as primeiras reflexões que embasam a pesquisa em curso sobre o fenômeno de produção de mensagens falsas em meio à pandemia da Covid-19 no Brasil, com objetivo de acompanhar as mudanças desencadeadas com a sua ocorrência e analisar o trabalho de checagem de notícias falsas durante o processo.

Palavras-chave: Desinformação. Pandemia. *Fake news*. Direito à informação. *Fact-checking*.

INTRODUÇÃO

O artigo é fruto de reflexões iniciais que estão na base do projeto de pesquisa de mestrado no programa de pós-graduação em Comunicação e Territorialidades (Póscom/Ufes), sobre as ações isoladas ou campanhas de desinformação e seus efeitos no ambiente informacional da sociedade brasileira em meio ao enfrentamento à pandemia de Covid-19, doença causada pela contaminação com vírus Sars-CoV-2.

Alinhado às pesquisas da Comunicação enquanto direito, o artigo propõe um debate sobre desafios representados pelo fenômeno da Pós-Verdade (D'ANCONA, 2018) para a real garantia da informação como direito humano (BUCCI, 2000), num ambiente de prolongada crise de reconhecimento e legitimidade do jornalismo (COSTA, 2014).

Auxilia a discussão a potência teórica de Hannah Arendt em sua incisiva defesa da verdade factual para a subsistência da vida em sociedade (ARENDDT, 1972).

Tem espaço ainda a análise dos esforços pela garantia de acesso a informações públicas confiáveis, em meio a tentativas de distorções da tragédia humana provocada pela doença no Brasil, e o trabalho de verificação das agências de checagem (*fact-checking*), que pode ser avaliado sob diferentes olhares, inclusive como uma oportunidade para renovação dos pactos de confiança entre a sociedade e o jornalismo.

DESENVOLVIMENTO

No tempo em que este texto é produzido o Brasil ultrapassou a triste marca de 100 mil pessoas mortas por conta da Covid-19 desde a primeira morte registrada no País, na cidade de São Paulo, de uma mulher de 57 anos em 12 de março de 2020, de acordo com o Ministério da Saúde.ⁱ

O momento crítico para a saúde pública mundial tem produzido uma enorme circulação de boatos sobre formas de prevenção caseiras, promessas de cura com base em remédios não testados, críticas às medidas de isolamento social recomendadas ou suspeição dos números reais da pandemia. A situação vem sendo descrita como uma “infodemia” pela Organização Mundial da Saúde (OMS)ⁱⁱ, com comportamento idêntico à viralização da doença e enorme potencial destrutivo.

Para se ater a poucos exemplos, a distribuição inconsequente de mensagens sobre formas de prevenção ao Coronavírus foi relacionada à causa de quase 300 mortes no Irã por envenenamento após ingestão de metanol, um biocombustível altamente inflamável.ⁱⁱⁱ O serviço de saúde registrou cerca de 2 mil internações pelo mesmo motivo entre o início de março e abril, quando a pandemia atingiu o país (MESQUITA, 2020).

Nos Estados Unidos (EUA), o presidente Trump chegou a comentar sobre a eficácia de desinfetantes para destruir o vírus e perguntou se existiria “maneira de fazer isso com uma injeção ou como uma limpeza interna”.^{iv}

Em meio a medidas sanitárias, pesquisas e protocolos de segurança, a OMS criou um grupo de trabalho para atuar em parceria com grandes empresas de tecnologia como Amazon, Facebook e Google, e aperfeiçoar métodos de verificação e derrubada de conteúdos, além de divulgação de informações corretas sobre a doença. Na China, onde historicamente há um sistema de internet mais restrito, a OMS conseguiu inserir conteúdo de esclarecimento na rede social WeChat (RICHTEL, 2020).

A preocupação com o assunto demonstra a gravidade do mau uso das informações e o impacto contraproducente provocado no combate à doença.

VELOCIDADE, DISSEMINAÇÃO E ANSIEDADE

O desafio imposto pela doença é inédito, por provocar uma crise de saúde no Mundo todo e ocorrer numa época em que temos tecnologias de informação e comunicação presentes na palma da mão de bilhões de pessoas, algo que gerações anteriores que enfrentaram pandemias semelhantes não tinham na mesma medida – como a H1N1 em 2009. As descobertas sobre a Covid-19 estão ocorrendo em tempo real, a par e passo à ocorrência de milhões de mortes e o nítido crescimento da ansiedade de cada um de nós por descobertas de curas e vacinas.

Em entrevista ao site da Revista Fapesp o físico Peter Schulz (Unicamp), destacou que a divulgação dos fatos científicos e sanitários sobre o Coronavírus é especialmente desafiadora. “A rapidez com que a doença evolui exige um grande esforço de apuração jornalística. A cada dia novos dados são divulgados por autoridades sanitárias e grupos de pesquisa dedicados a entender o funcionamento do vírus e a encontrar tratamentos” (DE PIERRO, 2020).

Opinião reforçada por jornalistas que atuam contra desinformação, fazendo checagem de mensagens falsas (*fact checking*). Natália Leal, diretora de conteúdo da agência Lupa, notou aumento significativo do número de peças desinformativas em velocidade incomum e a necessidade de lidar com especificidades das *fake news*: “Como é uma epidemia nova, (...) todo dia as informações que são verdadeiras também mudam, então uma coisa que talvez fosse falsa há quatro ou cinco dias hoje já não é mais. E uma coisa que era verdadeira antes também pode ser falsa hoje. Então é muito fácil se criar desinformação nesse ambiente de tanta incerteza (RUDNITZKI; SCOFIELD, 2020).

A ERA DA PÓS-VERDADE

É preciso reconhecer os sinais do tempo em que vivemos, a Era da Pós-Verdade, escolhida a palavra do ano de 2016 pelo Dicionário Oxford, que traduz “circunstâncias em que os fatos objetivos são menos influentes em formar a opinião pública do que os apelos à emoção e à crença pessoal” (D’ANCONA, 2018, p. 20).

D'Ancona expõe tais sinais na obra em que trata sobre as origens e características do fenômeno que, segundo ele, não é novo, mas ganhou novos contornos inteiramente novos em 2016 com a eleição de Donald Trump nos Estados Unidos e a campanha *Brexit*, pela saída do Reino Unido da União Europeia. Os dois eventos carregam a similaridade de terem construído narrativas que apelavam às emoções, aos sentimentos nacionalistas, aos medos e anseios da população.

O autor resgata condições prévias que explicam as origens da pós-verdade. Para ele, uma série de crises socioeconômicas “conspirou para esgotar as reservas restantes de confiança” (2018, p. 42). A crise mundial de 2008, o movimento *Occupy Wall Street*, o estouro da bolha de crédito e hipotecas do mercado norte-americano^v e a indignação gerada contra as instituições que, aparentemente, eram inquebráveis. Viu-se que as informações passadas pelas empresas e governos não eram confiáveis.

No ambiente da pós-verdade fica clara a existência de ações planejadas para desacreditar fontes oficiais de informações, instituições de pesquisa e ensino e produção intensa de mensagens falsas para tumultuar o debate público, onde “sites conspirativos e a mídia social tratam com desdém os jornais impressos ou a grande mídia, considerando-os a voz desacreditada de uma ordem globalista” (2018, p. 20).

A atualidade vê o aperfeiçoamento de uma indústria do engano com táticas bem delimitadas para fazer crer que tudo é relativo e é impossível se alcançar a verdade. Kakutani aborda a pós-verdade de maneira semelhante e indica tendências sociais e culturais que minaram a verdade na sociedade ocidental, como o apagamento da diferenciação entre informação e entretenimento, o tribalismo da política com a polarização constante e o descrédito das provas baseadas na ciência e nos princípios da razão e do progresso (KAKUTANI, 2018).

O sacrifício da verdade tem apontado para um alto custo ao qual estamos nos dispendo pagar enquanto sociedade. A reflexão de Arendt sobre o valor da verdade factual é preciosa para perceber com nitidez os valores sob risco nestes tempos turvos. Para a judia, que enfrentou com tenacidade a absurda possibilidade de negação do Holocausto, “enquanto podemos nos recusar a indagar se a vida ainda seria digna de ser vivida em um mundo destituído de noções tais como justiça e liberdade, o mesmo, curiosamente, não é possível com respeito à ideia de verdade” (1972, p. 285).

Num processo de substituição da verdade dos fatos por mentiras o risco apontado é de “destruição do sentido mediante o qual nos orientamos no mundo real – incluindo-se entre os meios mentais para esse fim a categoria de oposição entre verdade e falsidade” (p. 318). Uma desorientação vista claramente no uso de informações distorcidas ou falsas no trato com a saúde,

resultando em atitudes absurdas como a busca desenfreada por automedicação, motivada muitas das vezes por recomendações médicas desprovidas de suporte científico.^{vi}

Em meio ao caos informativo há também a tentativa de apagamento da morte e o negacionismo incauto de uma doença que mata milhares diariamente. Arendt diz que esse tipo de mentiras abriga o germe da violência e que “a mentira organizada tende sempre a destruir aquilo que ela decidiu negar” (p. 312). A reflexão que faço é da tentativa de apagar ou reduzir o tamanho da tragédia e, logo, a responsabilidade da gestão de governos nacionais que tentaram em vão minimizar a gravidade do problema, como é o caso do presidente Jair Bolsonaro no Brasil. Entre outras ações questionadas, o Ministério da Saúde decidiu reformular a divulgação dos números da doença no País, ocultando e reduzindo o número de mortes acumuladas e, por último, retardando o horário de divulgação, como manobra para atrasar a publicação dos dados pelos principais noticiários televisivos da noite.^{vii}

A resposta foi a união dos veículos de imprensa para contabilizar junto às secretarias estaduais os dados e divulgar notícias atualizadas. Ação essencial que destaca o trabalho voltado ao interesse público, num tempo de constante desconfiança e de crise de representatividade do jornalismo (COSTA, 2014).

UM CONCEITO DE FAKE NEWS E AS MUDANÇAS IMPOSTAS PELA PANDEMIA

O ano de 2020 sem dúvida será lembrado não apenas pela eclosão de uma doença desconhecida e sem precedentes, contudo também pela circulação intensa de *fake news* e por mudanças provocadas pelo fenômeno. Um termo que muitos preferem não usar, por entenderem que não possui um conceito definido, mas que já se integrou ao vocabulário do debate público atual.

Em aula do curso “Entendendo Fake News”, o professor Wilson Gomes (UFBA/INCT.dd) foi categórico ao conceituar que elas surgem a partir de 2016, na esteira de eventos aqui citados anteriormente – eleição norte-americana e campanha pelo Brexit -, a partir de um avanço da direita radical digital, pertencem ao campo da comunicação política e só existem por conta de mudanças socioculturais relevantes: a hiperconexão das pessoas, a penetração da internet e mudanças tecnoculturais (GOMES, 2020).

Além disso, define que elas pertencem ao gênero informativo, não podem ser confundidas com opinião e “são publicações em formato de vídeo, texto, áudio ou audiovisual, que representam, relatam e descrevem fatos inteira ou parcialmente falsos. Tais publicações,

além disso, se destinam à disseminação ou ao consumo em meios digitais” (GOMES, 2020). Para ele, é necessário definir conceitualmente o fenômeno para que não nos furtemos ao debate necessário sobre a regulamentação do combate ao problema.

Acostumados à produção de *fake news* ligadas ao debate político, vimos uma transição para o campo da saúde, com afetações sérias nas decisões de saúde pública. Isso pode explicar a reação das grandes plataformas de redes sociais contra conteúdos inverídicos. Pela primeira vez, publicações de presidentes como Trump e Bolsonaro foram apagadas ou identificadas como falsas em redes como Twitter, Facebook e Instagram (DIEGUEZ, 2020).

Outra consequência foi o debate em torno do projeto de lei para punição e combate a ações de desinformação no Congresso Nacional. Aprovado no Senado Federal no fim de junho, o PL 2630/2020 será avaliado e votado pela Câmara dos Deputados e vem provocando intensas discordâncias. O avanço rápido do PL em Brasília gerou reações de entidades, interessadas em aperfeiçoar o conteúdo, e pode também significar que a disseminação de *fake news* sobre o Coronavírus tem sido menos tolerada do que em relação às eleições. Já que as denúncias sobre massificação de mensagens falsas durante a Eleição de 2018 foram fartas e, ainda assim, não houve tamanha mobilização política ou judicial com intuito de combate ou punição.

RESULTADOS E CONCLUSÕES

Na fase atual da pesquisa aqui apresentada as análises não estão amadurecidas para que sejam apresentados frutos do trabalho proposto. Porém, a pesquisa de campo foi iniciada e tem o objetivo de acompanhar todas as publicações produzidas por cinco agências de checagem que atuam no Brasil, escolhidas pela sua produção considerável a respeito do tema em questão: Lupa, Aos Fatos, Projeto Comprova, Fato ou Fake e AFP Checamos.

Serão coletadas e analisadas todas as publicações de checagem feitas durante o mês de agosto de 2020, com o intuito de municiar análises quantitativas a respeito da onda de desinformação durante a pandemia, além de uma avaliação qualitativa das categorias identificadas, assuntos mais checados, fontes de consulta e a localização dos boatos, se regional, nacional ou internacional.

Os objetivos são trazer à tona boas experiências de comunicação que têm sido realizadas em prol da melhoria do ambiente informacional, adicionando as contradições e limites do *fact checking* (ALBUQUERQUE, 2020), com foco na reflexão sobre a importância do jornalismo para a garantia do direito humano à informação (BUCCI, 2019) levando-se em conta as

potencialidades e problemas trazidos pela comunicação digital, sem deixar de lado as necessárias críticas ao trabalho da imprensa em meio à crise sanitária na qual fomos repentinamente mergulhados nos primeiros meses do ano de 2020, com profundas implicações sociais que tendem a se arrastar por tempo indeterminado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Afonso. **O discurso das fake news e sua implicação comunicacional na política e na ciência**. Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde [Online]. Vol. 14. Núm. 1. Mar 2020. Disponível em <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/2016>. Acesso em 5 Mar 2020.

ARENDDT, Hannah. **Verdade e Política**. In: **Entre o passado e o futuro**. Tradução: Mauro W. Barbosa Almeida. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 1972. p. 282-325

BUCCI, Eugênio. **Existe democracia sem verdade factual**. São Paulo. Estação das Letras. 2019. 123 páginas.

COSTA, C. T. V.. **Um modelo de negócio para o jornalismo digital**. Revista de Jornalismo da ESPM, 2014, v. 3, p.57

D'ANCONA, Matthew. **Pós-verdade: a nova guerra contra os fatos em tempos de fake news**. Tradução: Carlos Szlak. 1 ed. Barueri: Faro Editorial, 2018

DE PIERRO, Bruno. **Epidemia de Fakenews**. Revista Fapesp. 7 de abril 2020. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/epidemia-de-fake-news/>. Acesso em 07 de ago 2020.

DIEGUEZ, Consuelo. **Caçadores de mentiras**. Revista Piauí. Edição 165. Junho/2020. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/cacadores-de-mentiras/>. Acesso em 10 jul 2020.

GOMES, Wilson. **O que são Fake News?**. Curso Entendendo Fake News. 2020. Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Democracia Digital. Disponível em: <https://youtu.be/8tvJ4cMtYXY>. Acesso em: 10 de Jun 2020.

MESQUITA, Claudio Tinoco et al. **Infodemia, Fake News and Medicine: Science and The Quest for Truth**. Int. J. Cardiovasc. Sci., Rio de Janeiro , v. 33, n. 3, p. 203-205, maio 2020 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-56472020000300203&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 06 ago. 2020.

RICHTEL, Matt. The New York Times. Traduzido por Terezinha Martino. Estadão. 07 de fevereiro 2020. <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,oms-combate-uma-epidemia-alem-do-coronavirus-uma-infodemia,70003189336>. Acesso em 8 de Ago 2020

RUDNITZKI, E.; SCOFIELD, L. **Epidemia de Fake News**. A Pública. 23 de março 2020. Disponível em: <https://apublica.org/2020/03/epidemia-de-fake-news/>.

KAKUTANI, Michiko. **A morte da verdade**. Tradução: André Czarnobai, Marcela Duarte. 1. ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018. 272 p.

NOTAS

ⁱ Ministério da saúde corrige data da primeira morte por Covid no Brasil. **Congresso em Foco**. 27 de junho 2020. Disponível em: www.congressoemfoco.uol.com.br/saude/ministerio-da-saude-corrige-data-da-primeira-morte-por-covid-no-brasil/. Acesso em 8 de Ago 2020.

ⁱⁱ O termo aparenta ter sido cunhado inicialmente pela Organização Mundial da Saúde em janeiro de 2020 e, posteriormente, passou a ser utilizado por veículos de comunicação para expressar a preocupação com o agravamento da massiva circulação de mensagens sobre a pandemia de Covid-19. Segundo o linguista Evanildo Bechara, em artigo publicado no site da Academia Brasileira de Letras, o termo é novo e demonstra adequação ao sistema linguístico. Disponível em <https://www.academia.org.br/artigos/infodemia>. Acesso em 10 de Ago 2020.

ⁱⁱⁱ Ingestão de álcool para falsa cura contra coronavírus já matou 300 no Irã. Uol. 27 de março 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2020/03/27/ira-veneno-coronavirus.htm>. Acesso em 06 de Ago 2020.

^{iv} Trump diz que estava sendo 'sarcástico' sobre injeção de desinfetante. Uol. 24 de abril 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/afp/2020/04/24/trump-diz-que-estava-sendo-sarcastico-sobre-injecao-de-desinfetante.htm>. Acesso em 06 Ago 2020.

^v A quebra do mercado imobiliário e a crise econômica de 2008 nos Estados Unidos é o tema do ótimo filme de Adam McKay: “A grande aposta” (2015).

^{vi} Não há prova de que ivermectina cure covid-19, ao contrário do que diz médica. Agência Lupa. 05 de Jun 2020. Disponível em: www.projetocomprova.com.br/publica%C3%A7%C3%A3o/nao-ha-prova-de-que-ivermectina-cure-covid-19-ao-contrario-do-que-diz-medica. Acesso em 12 Ago 2020.

^{vii} Machado, R.; Carvalho, D.; Teixeira, M.; Cancian, N. Folha de São Paulo. 6 de jun 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/06/governo-deixa-de-informar-total-de-mortes-e-casos-de-covid-19-bolsonaro-diz-que-e-melhor-para-o-brasil.shtml>. Acesso em 13 Ago 2020.